



MASSACRE DOS AWÁ: NARRATIVA E MEMÓRIA EM SERRAS DA DESORDEM DE ANDREA TONACCI

Patrícia Moreira Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: patricia.moreira.cine@gmail.com

Milene de Cássia Silveira Gusmão

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: mcsgusmao@gmail.com

1759

INTRODUÇÃO

Portelli (1995) em seu ensaio sobre o massacre ocorrido em Civitella Val di Chiana, nos informa que em 29 de junho de 1944, as tropas de ocupação alemãs executaram 115 civis, todos homens, em Civitella Val di Chiana, uma cidadezinha montanhosa nas proximidades de Arezzo, na Toscana. Neste mesmo dia, 58 pessoas, incluindo mulheres e crianças, foram mortas no povoado vizinho de La Cornia, e 39 no vilarejo de San Pancrazio. Tudo indica que esses atos foram uma retaliação pelo assassinato de três soldados alemães por membros da Resistência, em Civitella, em 18 de junho.

Esse Massacre, é descrito por Portelli (1995) como uma “memória dividida”, identificando de um lado, uma memória “oficial”, que busca comemorar esse massacre como um episódio da Resistência, comparando as vítimas a mártires da liberdade; e, por outra perspectiva, uma memória criada e preservada pelos sobreviventes, viúvas e descendentes, relacionada ao seu luto, nas perdas pessoais e coletivas; que não se identifica, como nega qualquer ligação com a Resistência, além de culparem seus membros de causarem o ataque.

“Em meio a estampidos de tiros e gritos comecei a andar, deixando o povoado acompanhada de meus filhos. Deparei-me com um espetáculo chocante! Muitos homens já eram apenas corpos, banhados no próprio sangue; as casas ardiavam em chamas, mulheres e crianças seminuas saíam das casas empurradas pelos alemães. Refugiamos na mata, com outras mulheres cujos maridos, irmãos ou pais haviam sido mortos” (Arma Cetoloni, viúva Caldelli). PORTELLI (1995)



No fim década de 1960, no Brasil, ocorre um outro massacre sobre o qual não há divulgação de números precisos. Toda uma aldeia indígena *Awá Guajá* é atacada violentamente e massacrada pelo que se conhece como “frentes de expansão” do desenvolvimento do país. Um sobrevivente desse povo, o *Karapiru Awá*, diante do horror e assassinato de familiares, foge e se esconde por uma década nas matas, florestas e cidades do sul do Maranhão à Bahia. O massacre foi capitaneado por posseiros que invadiram o território dos *Awá Guajá*, as margens do território Amazônico, divisa com o Maranhão. Para sobreviver, ele fugiu e iniciou uma jornada solitária de dez anos nas serras do Brasil Central até ser encontrado na Bahia, em 1988.

1760

Os karai [não indígenas] mataram a minha esposa e meu filho. Eles atiraram neles na mata. Atiraram com arma de fogo feita de ferro. Eu era o pai. Quem morreu foi um antigo filho meu. Os karai o mataram com arma de fogo. Nós corremos e eles foram atrás de nós e os mataram. Os karai matam até crianças Awa! Mataram meu filho! Eu andei muito pela mata. Às vezes era muito calor e sentia sede. De longe eu ficava observando os karai. Via suas plantações de mandioca e milho. E pensava que um dia ia matá-los. Andava muito pela floresta: a floresta é grande! Muitas vezes eu estava tão perto dos karai que escutava o galo cantar. Por vezes eu passava fome. (Karapiru Awá Guajá). (PRADO, 2021).

Após dezesseis anos, esse massacre ocorrido com o povo *Awá* foi narrado em *Serras da Desordem* (2006), filme de Andrea Tonacci¹. William Silveira (2006) diz que Tonacci constrói *Serras da Desordem* reencenando um evento histórico; ao fazer isso, tem a possibilidade de reinterpretar e exemplificar o passado. Para tal, acolhe dentro da narrativa um mosaico imponente dos grandes empreendimentos nacionais, tal qual o ritmo da ânsia desenvolvimentista do país. As estradas, a corrida pelo ouro, as grandes construções e violência avassaladora que permeou essas ações e que foram materializadas em massacres ocorridos em todo o território nacional. A principal figura que traz à tona essa memória no filme é *Karapirú Awá*, um dos indígenas sobreviventes do massacre, e a partir dessa memória, certa história do “desenvolvimento” brasileiro é recontada, e demonstra a que custo é realizado.

¹ Cineasta italiano ((Roma, 1944 - São Paulo, 2016)) radicado no Brasil, considerado um dos principais diretores do Cinema Marginal, movimento cinematográfico ocorrido no Brasil na década de 1970. Em 2006, seu filme *Serras da Desordem* valeu-lhe os Kikitós de melhor fotografia, melhor filme e melhor diretor no Festival de Gramado. Em 2010, foi agraciado com a Ordem do Mérito Cultural, maior reconhecimento do governo brasileiro a personalidades que contribuem para o desenvolvimento da identidade cultural brasileira.



Esse estudo, tem como objetivo, compreender como se dão as disputas das narrativas de memória e resistência apresentadas em *Serras da desordem* mediante narrativa do próprio indígena Karapirú e do cineasta Andréa Tonacci. Buscamos também mobilizar nesse estudo, inspirado no entendimento de um memória dividida, como a ocorrida nas memórias estabelecidas no massacre de Civitella Val di Chiana.

METODOLOGIA

Estabelecer uma análise do inspirado no ensaio realizado por Alessandro Portelli (1995) a partir de referências, comparações e análises das representações feitas sobre o massacre de Civitella Val di Chiana e do massacre dos Awá representadas no filme *Serras da Desordem* de Andrea Tonacci. Percebendo a possibilidade dessa duplicidade de memórias na narrativa fílmica.

Inspirada no ensaio de Portelli, tomo o filme *Serras da Desordem* e busco perceber por dentro do filme - em sua estrutura narrativa, esses dois percursos de memória postos e que são interdependentes, estabelecendo de que forma ocorre essa articulação.

Para Sartori (1994), o que melhor caracteriza a comparação é a possibilidade de controlar a hipótese formulada. Diante de um conjunto de hipóteses plausíveis, apenas a comparação permite defender uma hipótese mais do que outra graças ao controle de mais casos. De um modo geral, a estratégia comparativa permite, por meio da exploração das semelhanças e diferenças, encontrar os princípios de variação de um determinado fenômeno ou os padrões mais gerais de um fenômeno em um grau maior de abstração (TILLY, 1984). Identificando, nesse caso, a memória dividida expressa nos massacres aqui analisados e a disputada de poderes na representação narrativa da memória.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fiona Watson, 2004, em entrevista realizada com Karapirú, diz que foram utilizadas diversas maneiras para matar os Awá: muitos morreram depois de comer farinha misturada com veneno de formiga, um presente de um fazendeiro local. Outros, como ele, foram baleados. Karapirú, chegou a acreditar que era o único membro de sua família sobrevivente ao massacre, narra que fugiu pela floresta com uma bala alojada nas



costas:

“Não tinha como curar a ferida. Eu não podia colocar qualquer medicamento nas minhas costas, e sofri muito [...] “A bala estava quente nas minhas costas, sangrando. Eu não sei como não ficou cheia de insetos. Mas eu consegui escapar dos brancos [...] Às vezes eu não gosto de lembrar tudo o que aconteceu comigo.” (WATSON, 2004, s/p)

Esses acontecimentos são revividos pelo Karapiru no filme. O próprio Tonacci, diretor de *Serras da Desordem* (2006) disse em entrevista transcrita por Evelyn Shuler (2007) que Karapiru dizia não querer lembrar o massacre, mas que compreendeu a importância de fazê-lo a partir do filme e de reviver a sua trajetória para que seu povo e o massacre jamais fossem esquecidos e ou repetidos.

Portelli (1955) observa que, curiosamente, representações feitas sobre o massacre de Civitella Val di Chiana, no qual descreve as divergências que cercaram as representações sobre o massacre, poderia fazer supor que os sobreviventes e seus descendentes se unissem nas recordações. Mas não foi o que ocorreu. Para ele as narrativas mudaram ao longo do tempo - dando lugar à memória dividida que conheceu - devido a fatores históricos e políticos; a memória, portanto, não é imutável, nem politicamente neutra.

[...] Esses acontecimentos geraram o que Giovanni Contini muito bem descreveu como uma “memória dividida”. Contini identifica, por um lado, uma memória “oficial”, que comemora o massacre como um episódio da Resistência e compara as vítimas a mártires da liberdade; e, por outro lado, uma memória criada e preservada pelos sobreviventes, viúvas e filhos, (PORTELLI APUD CONTINI, p.2).

Em *Serras da Desordem* (2006) percebemos um debate em meio a questões bem próximas, mediadas também pela política de hoje, não somente pelo massacre da década de 60. A narrativa sobre a vida de Karapiru em *Serras* é parte de uma representação feita para identificar um herói e sua resistência. Já a empresa mineradora à época, e representada hoje pelo estado, na oposição, tenderam a vê-lo como pura peça de jogo político, destinado a exemplificar sempre os personagens construídos na tela, em pleno ano eleitoral de 2006. Estaria aberta a disputa pela representação de memória e sobre o que poderia representar a mudança presidencial no Brasil redemocratizado. Isso diz respeito não somente ao passado, mas ao presente, com suas disputas pela memória, suas

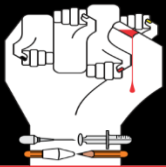
1762

Realização:



Apoio:





narrativas e, portanto, pelo poder.

CONCLUSÕES

Sobreviventes de ataques e massacres por invasores desde pelo menos o século XIX, e testemunhas do assassinato de suas famílias nos conflitos contemporâneos em torno das Terras Indígenas, Karapiru e os Awá viveram para ver aquela região do estado maranhense seguir sendo palco de violência até o século XXI, contando agora com um dos maiores números de assassinatos de lideranças indígenas no país apenas no último período. Segundo Nunes (2021) a situação alarmante da TI Araribóia, do povo Guajajara, e que recentemente derivou em uma escalada de mortes violentas, sob a mesma justificativa desenvolvimentista vista na década de 60.

De um lado vemos a memória do estado que amplifica em números o desenvolvimento e crescimento do país e do outro, a invisibilidade da memória de um massacre que tem seus índices amplificados desde a produção de *Serras da Desordem*. As motivações reproduzidas em *Serras* e as que se desenrolam em Civitella Val di Chiana, em comparação, se assemelham em suas narrativas e se estabelecem como memória dividida – em ambos, a resistência é o pano de fundo que dá margem ao massacre, e a memória resultante das ações possuem duas vias, a do estado que vê a necessidade do “desenvolvimento” e portanto encontram nele a justificativa para as suas ações e a do povo indígena, como a narrada em *Serras da Desordem*, que tem suas vidas apagadas violentamente por essa disputa de poder.

Apesar de todos os cuidados tomados pelos Awá, que se isolaram, montaram barreiras sanitárias e se vacinaram, mais uma vez um invasor “invisível” promove um massacre – a pandemia da Covid-19 entrou no território e alcançou a comunidade indígena. Já em estado grave, em julho de 2021, Karapiru foi levado à cidade de Santa Inês (MA) para atendimento hospitalar, onde, como dizem os Awá, foi para o *iwa* (“céu”).

PALAVRAS CHAVE: Serras da desordem. Awá. Massacre. Civitella Val di Chiana.

REFERÊNCIAS

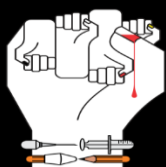
NUNES, Mônica - Karapiru Awa Guajá, líder indígena que sobreviveu a massacre nos anos 70, morre de covid-19 - Conexão Planeta Julho / 2021 Disponível em:

Realização:



Apoio:





<https://conexaoplaneta.com.br/blog/karapiru-awa-guaja-lider-indigena-que-sobreviveu-a-massacre-nos-anos-70-morre-de-covid-19/> - Acesso em 10 de Maio 2022

SILVEIRA, Willian – CRÍTICA do filme SERRAS DA DESORDEM. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/serras-da-desordem/> Acesso em: 28 de Outubro 2019.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana -Toscana, 29 de junho de 1944 - 1995

PRADO, Luma Ribeiro – Sobrevivente das perseguições de um povo, mas não ao vírus invasor - 2021 Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2021/08/03/karapiru-awa-guaja-sobreviveu-as-persegucioes-contra-seu-povo-mas-nao-ao-virus-invasor/> Acesso em 10 de Abril 2022

SARTORI, G. Compare why and how in Compararing nations. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

TILLY, Charles. Big structures, large processes, huge comparisons. New York: Russel Sage Fdtn, 1984.

WATSON, Fiona. Entrevista com Karapiru - Survival International, 2004

ZEA, Evelyn Shuler; SZTUTMAN, Renato; HIKIJI, Satiko Rose - Conversas na desordem - Entrevista com Andrea Tonacci, 2007

1764

Realização:



Apoio:

